Foto MÁRIO NOVAIS
PRIMAVERA!
mocidade
portuguesa
feminina

NÚMERO 60
ABRIL 1944

Foto: SZOLLOSY

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

SUMÁRIO

Sinfonia da Vida simples

(Foto MARINI)

Já as árvores — estão toucadas de flores — e já os ninhos se anunciam sob os beirais.

Já anda a alegria a passear pelos campos...

Ainda ressoam Aleluias nas campaínhas dos «compassos» — e, nos altos das tôrres, os sinos têm saüdades da Festa florida.

Foi Páscoa. Foi a Festa do Senhor. A Maior de tôdas.

Posso pensar que também tu terás saüdades da Festa da Ressurreição.

Se ressuscitaste com Cristo...

Cristo vivo — vivo na nossa vida nova — vivo cá dentro

na *Paz* — na *Alegria* — no *Amor*. Aquêle exame de consciência quaresmal, à maneira de ver bem as contas do ano da alma, foi salutar.

Vimo-nos **a fundo** para *nos reformarmos a* **a sério**.

O propósito de

mais e melhor

é como uma Primavera de alma: a gente sente-se outra, sob o império daquêle querer generoso de *fortemente e decididamente*

dar rumo

à vontade, e ao coração, à consciência — à vida.

Primavera na alma.

Primavera por aí fora. A vida das coisas engrinaldou-se de festas: eras e flores — e já tudo muito verde à espera dos calores maiores.

A vida dos campos, louçã, em maneiras gentis, já vai a meio do crescimento. — Cresce e cresce.

Ali, enquanto a água corre, a falar amores com as pedras do seu caminho, tosam ervas tenras os cordeiros.

Tinem os badalos das ovelhas que correm e saltam, saltam e correm.

O sol fala maneirinhas com as ramadas altas e a canção da passarada vai alto — vai alto.

Ó simplicidade, vem ensinar-me os teus caminhos — e queda-te à minha porta que quero aprender contigo a ser simples...

Quero ser simples.

Ando tão complicada — e é tudo tão complicado à minha volta —

Fictício, armado e complicado.

Mentira — mentira nos olhos que nos vêem e nos ouvidos que nos ouvem...

Mentira — mentira na mão que se nos estende a cumprimentar e no aceno de quem se despede de nós, ao longe...

Tanta mentira na vida de agora.

E eu?

Vem, ó simplicidade, irmã do azul do céu — ó divina irmã dos anjos — vem tu comigo e com muita paciência ouve-me.

— Se eu pudesse não ser complicada...

Se eu pudesse deixar de ser tão complicada...

Se eu pudesse não ser tão complicada na alma e em todo o resto — e também na minha vida: em tôdas as coisas da vida...

Se eu pudesse ser simples!...

— Acredita, primeiro que tudo, que podes ser simples.

Acredita que é simples ser a gente muito simples.

Acredita, depois, na simplicidade: procura-a e ouve-a antes de saires à rua.

...e antes de comprares o teu vestido e o teu calçado...

...e antes de te compôres ao espelho...

...e antes de falares e de andares...

Depois, simplifica a tua carteira: tanta coisa lá dentro...

Simplifica as tuas maneiras: sê simples nas tuas atitudes...

Simplifica por tôdas as salas da tua casa: as paredes, as ementas, as cortezias...

Sê simples nos teus pensamentos e nos teus desejos... nas tuas ambições...

Experimenta: **sê simples!**

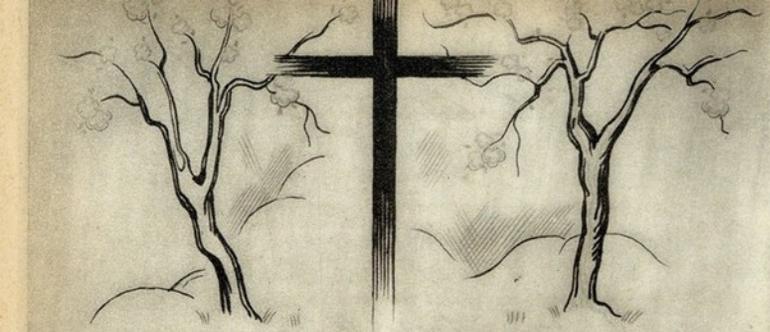
Sobretudo, quando fôr preciso ser simples **contra tudo e contra todos.**

— Se eu pudesse vir a ser simples...

— Eu, que sou a Simplicidade,

digo-te: **podes ser simples.**

G. A.

(Foto MÁRIO LEMOS)

2.º Prémio — VI Salão de Educação Estética

ERA o primeiro dia de Férias da Páscoa! Tinha-as planeado deliciosas, com a palavra «desporto» por «leit-motiv» — passeios de bicicleta antes do nascer do Sol, primeiros banhos de mar, etc. Apetecia-me Zé Régio, à mistura com um romancezito policial; contava com um «pé de dança»... Estava quente... levava um vestido de verão com sabor a quinta, a Sol... a rua tinha sombras estranhas, que se moviam, eram vivas... deixei-me embeber no perfume da Primavera, na alegria quási pagã de viver... Era o primeiro dia de férias!...

A mesa de jantar estava simpática: as «rosas-chá» eram quási rentes à brancura da velha toalha; as janelas abertas, deixavam entrar uma luz macia, crepuscular... Havia o seu quê de indolência no pensar...

—Se as três meninas quiserem, ofereço-lhes o fim da Semana Santa, em Singeverga — lança a mãe.

— Os meus projectos por terra! As minhas ricas férias estragadas, penso quási desesperada.

* * *

— Depressa! Faz favor: onde é a estação da Trindade?

Mal oiço a indicação: desapareço a correr. Faltam 3 minutos! Enfio numa 3.ª classe com as manas, que barafustam com o meu atrazo.

—Pois é! Ficava em terra! Não nos ralávamos! Perdia a Semana Santa em Singeverga, e pronto!

—O que me era indiferente! — pensei.

Aninhei-me, como pude, na banqueta dura, levantei a gola do casaco — hábito de quando me preciso concentrar — e olhei a paisagem: precisava descobrir o lado bom daqueles três dias!

Tinha ouvido falar dos beneditinos de Singeverga, dos seus cânticos, das suas cerimónias...

As estações sucediam-se: vizinhas ainda do Pôrto, como a Senhora da Hora — a imitar a cidade; esgrouviadas casas de um amarelo torrado, e berrantes portas verdes; mais longe: apetitosas estaçõezinhas de azulejos, claras, enroscadas de hera, jardins pequeninos, baixinhos, arrumados, a merecerem um prémio de «bom gôsto» do S. P. N. Horizontes mais largos... primeiras sensações de alívio, de grandeza... verdes carregados, gritantes, desbotados... bois fortes, de chifres bem lançados; saias de riscas e barra, lenços vermelhos traçados e descaídos, olhos claros e meigos... enxurradas... moinhos... burricos... fiapos de núvens... longes azulados... paisagem do meu Minho!

— Negreeeeelos!...

Pouso o pé em terra. Decidi: vou gozar ao menos como «dilettante», já que não tenho o meu espírito de católica suficientemente bem formado para apreciar a fundo uma Semana Santa.

Ficamos no Mosteiro de Santa Escolástica, numa futura cela de beneditina. Travo conhecimento com o desempoeirado espírito da ordem. Madre X descreve-nos a formação das raparigas nos colégios belgas. Tem um sorriso aberto, idéias modernas. Estamos encantadas! Mostram-nos a Capela. Não gosto: destoa do ambiente! Ouvem-se grilos ao longe... perdem-se os olhos em castiçais de linhas modernas, em imagens estilizadas. Tenho saüdades da minha velha capelinha da Senhora da Guia — longa toalha de linho grosseiro; gipsófila clara e transparente; luz a jorros, a desfazer-se nas lages negras; santos primitivos, toscos, ingénuos; «Senhor» de olhos perdidos no vago...

QUINTA-FEIRA SANTA! Caminhos escorregadios, encharcados. Mete os pés numa poça: só levei um par de sapatos... Mosteiro de Singeverga: não lhe encontro beleza arquitectónica. Começam as cerimónias: a muito custo, encontro-as no meu velho livro de veludo roxo despedaçado e pregarias antigas a cair. As tão faladas vozes dos monges beneditinos, elevam-se: unidas, fortes, baixas. O contralto agudo dos oblatos, destaca-se. Começo a sentir a beleza, a poesia, a profundidade, o significado daquelas palavras! A desnudação dos altares é brutal! Encerra-se a Hóstia numa Câmara ardente — damascos e veludos pesados, círios, flores, tristeza imensa!

Trevas: as Lamentações cantadas por vozes magníficas, cheias de sentimento, acabando duma súplica: «Jerusalém! Jerusalém! Converte-te ao Senhor teu Deus!»

SEXTA-FEIRA SANTA, MAIOR! Paramentos negros; ritos antiqüíssimos de beleza trágica; cânticos repassados de meiguice, misturados com notas bárbaras de desespêro; Via-Sacra meditada, sentida, sofrida, lágrimas em fio, soluços duros de mais para se exteriorizarem! Jesus vai morrer! Para quê tentar explicar com palavras, o que nem a vontade consegue dominar? A dor é esmagadora, aflitiva! A cruz está estendida no chão. Os monges, descalços, vão beijá-la. Procuro o meu respeito humano, mas não o encontro; descalças, vamos também beijar a Cruz. Jesus tem as pálpebras caídas, está exangue. Nunca reparara verdadeiramente numa Cruz; cingia-me quási à côr do marfim, ao lavrado da prata, à dinâmica das linhas. Talvez mesmo que a Cruz de Singeverga fôsse mal talhada! Lembro-me sòmente da aflicção das pálpebras, daquelas faces macilentas! As luzes apagam-se pouco a pouco... Não há sol há muito... Os monges têm o capuz mais enterrado, as vozes mais soturnas... Tenho um arrepio de tristeza!

Encosto-me ao umbral da Abadia: a paisagem afogada em contínua chuva, é limitada. Lembram-me certos quadros de Alvarez.

SÁBADO DE ALÉLUIA! A luz nasce da pederneira, propaga-se aos altares. O círio pascal está colorido de flores. A «bênção do lume» é ao ar livre — um ar de Páscoa, fresco, a prometer sol. A procissão de hábitos entra na igreja. A missa começa... O tom de «Aléluia» aumenta de «crescendo». «Glória!» Os sinos badalam, as campainhas tocam, os panos roxos caem por terra, os altares aparecem floridos, as cortinas correm-se, os cânticos evocam catedrais fantásticas, sumptuosas! Paramentos deslumbrantes, riquíssimos, faiscando através dos vitrais! Ressuscitou o Senhor! Comunhão com o mesmo fervor da primeira! Promessas no íntimo...

Primeira Páscoa da minha vida!...

Maria Eugénia de Sá Coutinho (Aurora)
Ala 1, Centro 11, Filiada 3.157

Filiadas da M. P. F. — Porto

II

RAPARIGAS SÉRIAS

A VERDADEIRA ELEGÂNCIA

ESTOU certa, filiada da «Mocidade», que a tua escolha é sem hesitação: desejas ser uma *rapariga séria*. Se o não quizesses, estarias, pelo teu espírito, fora da M. P. F.

Já to disse no mês passado: uma rapariga *séria* não é uma rapariga tristonha, reservada, sem a graça e a espontaneidade da sua juventude.

Uma *rapariga séria* não é aquela *que não ri*; não é êsse o sentido que queremos dar á palavra. O próprio dicionário te dirá que *séria* significa também *sensata* e *cumpridora*.

Que sejas *cumpridora dos teus deveres* e dês prova sempre de *bom senso*, é o que desejamos de ti.

A seriedade que te pedimos é *inteireza de carácter* e não uma gravidade que te ficaria mal, uma sizudez que não é para a tua idade.

Vou dizer-te a idéia que me faço duma *rapariga séria*.

Gostaria que tivesses um grande coração; o egoismo, detestável em tôda a gente, é quási incompreensível numa rapariga.

Pensar só em si própria, tratar únicamente do seu interêsse, ser comodista e tornar-se o centro de tudo, é tão contrário àquela generosidade e esquecimento próprio que ficam bem à gente moça!

Desejaria, pois, que tivesses um grande coração, para nêle cabêr muita bondade e muito amor para todos.

Não se compreende uma rapariga insensível e dura. A sensibilidade dum coração bem formado é uma faculdade preciosa. Se não *sentes* o bem ou o mal dos outros, se não experimentas nenhuma reacção em face dos acontecimentos, ficarás fria e indeferente, isto é, egoistamente fechada em ti mesma.

Mas repara que refiro-me a sensibilidade bem equilibrada e não a sentimentalismo exagerado. É diferente!

Não abafes nunca os teus sentimentos de compaixão, de bondade e de ternura; mas desenvolve também a tua vontade.

Uma *rapariga séria* preocupa-se com a felicidade dos seus e pensa no bem dos pobres.

Uma *rapariga séria* cultiva em si as virtudes sólidas e perfeitas que fazem dela uma mulher forte.

Pelo contrário, uma rapariga frívola não se dedica a ninguém porque vive só para si. Não pensa também em aperfeiçoar-se; a alma importa-lhe pouco!

Mas, para seres uma *rapariga séria*, terás de renunciar a ser uma rapariga *elegante?*

Não. Se entendes *elegância* por esbelteza física, digo-te: é-te permitido todo o exercício, gimnástica e desporto que possam contribuir para o teu aperfeiçoamento físico.

Ninguém te proíbe, tão pouco, que procures valorizar a tua formosura. Mas sem exageros. Sem deixares de comer para ficares com mais *linha*; sem te pintares como uma boneca para dares nas vistas; sem te estafares em desportos violentos para adquirires perfeição atlética.

Se entendes *elegância* por distinção, digo-te que tens obrigação de ser mais elegante do que ninguém.

Sem pose, com simplicidade, deves procurar sempre ser delicada e graciosa: nos teus gestos, nas tuas atitudes, em tudo!

Uma *rapariga séria* é precisamente aquela que sabe ser correcta e distinta.

Não confundas distinção com o preciosismo ou o afectado à-vontade das raparigas frívolas.

Se entendes *elegância* por vestir bem, já S. Francisco de Sales desejava que as «devotas» que êle dirigia fôssem sempre as mais elegantes. Mas o seu conceito de elegância era idêntico ao dum escritor dos nossos dias que chama á simplicidade a «suprema elegância».

Podes vestir bem e *deves* vestir bem, segundo as tuas posses e a tua situação social, é evidente.

Mas ser elegante não é ser estravagante e usar modas imodestas.

Ser elegante é acompanhar a moda com bom senso, escolher o que nos fica bem, sem imitações servis.

Uma *rapariga séria* nunca faz voltar a cabeça na rua ás outras pessoas.

Já Ramalho Ortigão dizia que se uma mulher notasse que alguém a olhava assim, devia, ao chegar a casa, procurar descobrir o que em si teria chamado a atenção e corrigir êsse *defeito*.

Como vês, provocar a atenção não é *elegante:* é ordinário.

E deixa-me lembrar-te uma *elegância* que é verdadeiramente das pessoas educadas: o asseio e a ordem.

Corpo lavado e roupa bem cuidada, sem nódoas, nem rasgões, nem botões caídos, nem pontas abaixo e acima...

Falaremos no próximo número das qualidades de espírito—essa elegância que as raparigas frívolas descuram tanto.

COCCINELLE

Foto: J. A. GATO

Que a alegria seja em nós uma fonte de água corrente onde todos possam vir beber...

PARA SER FELIZ...

A Felicidade que, quási sempre, nos aparece longínqua e inatingível, está, afinal, bem mais perto de nós, e mais fàcilmente ao nosso alcance, do que imaginamos.

Não falo dessa célebre e cobiçada «sorte grande» — no dizer de Maria de Carvalho — que se limita a breves momentos e deixa sempre na alma um rastro de insatisfação.

Refiro-me a uma felicidade suave e duradoura que se compõe de pequeninas alegrias espalhadas à nossa volta, do confôrto íntimo causado pela certeza do dever cumprido, e duma amizade compreensiva que nós recebemos e oferecemos aos que nos rodeiam. Refiro-me ao encanto incomparável duma vida sem grandes aventuras, calma e vivida espiritualmente, pela generosidade, pela consolação do trabalho, e pelas benéficas distracções dum interessante passeio, duma inspirada música, ou dum belo livro...

Emerson disse: «A felicidade é um perfume que não podemos derramar sôbre os outros, sem que algumas gôtas dêle nos salpiquem também.»

Êste pensamento afirma quanto é verdade que uma alegria intensa não se resume, sòmente, na sensação egoísta de recebermos, nós próprios, inúmeros favores e benefícios.

A grande e verdadeira Alegria está em prepararmos pequeninas felicidades, em sabermos compreender e consolar uma grande Dôr, em suavizarmos as agruras duma vida, achando soluções e auxílios para um caso difícil, ou oferecendo a consolação amiga dum sorriso, num momento de desânimo.

Ser feliz, não é tão raro, como muitos julgam, nem é também um caso de predestinação, como eu já ouvi alguém afirmá-lo.

Existem, realmente, as almas que nasceram optimistas, e que o vulgo classifica de almas felizes: são as que sentem uma indiferença total pelo sofrimento, as que não sabem dedicar-se, passando distraìdamente entre os homens, sem que nada de definitivo as preencha, nem as preocupe.

No entanto, dignas verdadeiramente de aprêço, são aquelas que, tendo sofrido, conseguiram formar-se, realizar-se, e, dominando-se, souberam conquistar a Felicidade, à sua própria custa. São essas almas, intensamente benéficas, as que espalham a satisfação e o bem por onde passam, e cujo convívio proporciona, àquêles que as rodeiam, uma sensação repousante e clara, que se assemelha à de uma aurécia estonteadora de luz.

Nos mais pequeninos traços, nas mais sumárias ocasiões, se reconhecem estas almas de eleição: num pensamento, num sorriso, numa expressão, elas deixam, sem querer e indelèvelmente marcado, o seu espírito que sabe vencer desânimos.

Que diferença comparando-as à multidão dos ricos, dos saudáveis, dos privilegiados, que abatem à mais ligeira contrariedade e que vivem inquietos, no meio de indecisões ou de revolta!...

Já tôdas vós encontrastes, de-certo, por entre os vossos conhecimentos, pobres alegres, que não temem a vida e a quem os trabalhos nada pesam, ou doentes sem cura que nos olham numa expressão de resignada esperança, possuindo um tesouro de certezas.

É certo que são mais humanas e lamentàvelmente reais as almas que abatem e fraquejam, as almas predispostas a horas de melancolia e de abandono.

Todavia, o que não é lícito nem recto, é o cultivo do estado mórbido, a embriaguês da tristeza, que paraliza a actividade espiritual e impede a elevação luminosa do sentimento.

Todos devem possuir no seu próprio eu fontes de alegria, proporcionadoras de consolação, aonde corram a desanuviar o espírito e a atingir a calma anterior, o confôrto da felicidade conquistada.

Para ser feliz, basta querer sê-lo, querer com fé e convicção, porque raríssimo é encontrar-se alguém tão desprotegido da sorte que não possua dotes dignos de reconhecimento ou faculdades adeqüadas a qualquer missão.

A Felicidade é, precisamente, o trabalho que nos agrada e que nós realizamos alegremente, é uma dedicação total, é o dever cumprido, e é essa alegria intensa de espalhar o Bem, pelo prazer da sua essência, sem olhar, nem medir agradecimentos.

Suzana Pobre

Sinto-me hoje incapaz de fazer mal...
Daria a um inimigo o pão e o sal.
Tenho fome de amor e de bondade.
Sabem-me bem os gestos de piedade.
Quisera repartir o que me sobra
e sinto que a minha alma se desdobra,
sinto-a mais vasta, mais universal.
Era-me hoje impossível fazer mal...
Maravilhada, eu sinto Deus comigo...
Olho em tôrno de mim e não consigo
ver a miséria humana, a dor, a lama,
porque trago no olhar aquela chama
que doira tudo quanto é feio e sujo.
Olho, sem ver, à minha volta e fujo
de tudo o que é sombrio e sem perdão.
Abro de par em par o coração
e deixo entrar o sol... Respiro fundo...
Quisera suprimir a dor do mundo,
a doida inquietação que nos consome...
Quisera ser o pão que mata a fome,
o sonho que adormece a pior mágua,
quisera ser, para o sedento, a água,
e, para o poeta, o verso genial...
Sinto-me hoje incapaz de fazer mal...
Quisera perdoar, fazer as pazes...

. . . .

...e tudo, meu amor, porque há lilazes...

II

O domingo do mundo é a primavera...
E como cada qual
festeja o seu domingo no avental,
na chita do corpete ou no vinco da calça
ou na pedrinha falsa
dum anel sem valor,
assim, ó meu amor,
a terra inteira veste um fato novo
como ao domingo o povo.

Olha em tôrno de ti... Já reparaste?
Há botões a florir em cada haste
e o musgo verde abraça os troncos pardos...
Se até dos cardos
nasce esta inverosímil flor sedosa,
macia e côr de rosa!
Olha o trigo, meu bem! O trigo é santo
e nesta primavera há tanto, tanto,
e é tão bom ver o gesto rude e nobre
desta gentinha pobre
a acariciar o trigo,
o seu tesoiro,
o seu melhor amigo,
incomparável oiro
que se come
e que só mata... a fome!

Repara, meu amor!
Atrás de cada pedra,
a graça duma flor...
Tudo o que é verde, medra
— o cardo, o trigo, o azeite, a uva —
e quando a chuva
borrifa a mêdo o prado
é só para alisar o penteado
da relva côr de salsa...
Ah, como a vida é falsa
na vila, na cidade,
longe dêste silêncio, desta calma!
Humana, Humanidade?
Que mentira!
O homem não tem alma,
não segue a lei de Cristo...
Humano é tudo isto,
se «humano» é ser piedoso, ser cristão...
Quem se dá sem reservas como o pão?
Quem adormece a mágoa
como o vinho?
E quem, pelo caminho,
dá de beber a quem tem sêde
como a nossa mãe Agua?
E quando a terra inteira se abre em flor,
onde buscar, Senhor,
mais lindo enfeite?
E quem deu a primeira claridade
à escura humanidade?
Foi o azeite...

Os homens não têm alma...
As coisas, sim, meu Deus, alma tão vasta,
que, para a celebrar,
um poeta não basta!
Alma tão simples, alma tão sincera,
— repara, meu amor —
que tudo é alma, tudo é flor
na primavera!
Senhor, Senhor,
quem há que não entenda
a voz de tudo
o que é mudo?
Só quem tiver nos olhos uma venda,
nos ouvidos mil anos de descrença,
no coração a morte prematura
e tal indiferença,
tal secura,
que seja como terra amaldiçoada,
terra salgada
em que não vinga nada!
Ó meu amor, repara
nesta beleza rara
dum mundo todo em flor!
Cheira a papoilas, cheira a malmequeres...
Se até dão flor os ventres das mulheres!
Se até aos velhos troncos sem vigor,
pela última vez,
abril arranca a flor!
Se até de sonhos vãos, sonhos dispersos,
a primavera fez
o ramo dêstes versos!

Fernanda de Castro

Primavera

Foto: FELDNER

"POUPANÇA"

por MAMIA

Poupança é como se diz, brincando, de uma economia que nos parece ridícula.

Mas aquilo que a uns merece o nome de "poupança" (palavra engraçada que sôa a Gil Vicente) para outros é economia acertada e prática.

Não podem economizar todos da mesma maneira porque não gastam todos com a mesma moderação, nem ordenam com igual sentido.

Assim, a uma pessoa medianamente ordenada não custa juntar todos os sêlos da correspondência que recebe para entregar na Obra das Missões, ou juntar os bilhetes dos Carros Eléctricos para mandar ao Asilo dos Cegos.

Alguém verá nisso uma dificuldade maior que o sacrifício de um desejo, para dar igual esmola em dinheiro.

O sentido da economia é variado. Vejamos.

* * *

Há pessoas que poupam parece que por instinto, sem dar por isso, desde crianças. Atravessam a lama sem se enlamear, não esfregam demais os sapatos no capacho, não põem os pés na régua da cadeira, não se encostam aos cotovêlos, não têm rugas nos fatos.

Se vão ao campo, (embora não digam) preferem a sombra para que o fato não debote, e se resolvem a custo sentar-se levantam cuidadosamente o casaco e a saia. Vivem quási às escuras para que o sol não estrague os móveis e os estofos.

Mas quem sabe se gastam exageradamente, com o gôsto de fazer um rascunho em papel farto e imaculado, de usar sabonetes caros, e de saborear bons dôces...

* * *

Outras há que economizam tudo à custa do seu trabalho e paciência. Em geral têm em menos preço o tempo do que o dinheiro.

São as que nós vemos desmanchar três vezes uma camisola de malha usada, mudando a lã que estava nas mangas para as costas, a das costas para a frente, a da frente para trás, etc. Transformam, tingem, lavam, juntam, separam, e voltam ao princípio sempre com a mesma persistência, com o único fim de *não gastar dinheiro*.

Em compensação, fazem talvez sem custo uma série de chamadas ao telefone por qualquer motivo fútil.

* * *

Pessoas há que sacrificam todo o prazer do asseio à economia. Preferem as côres escuras para evitar a lavagem. Sôbre a pedra polida de uma mesa, põem um pano para não riscar a pedra, sôbre o pano, um oleado para não sujar o pano, e por fim um papel para não sujar o oleado. Nos ladrilhos da chaminé um jornal, nos azulejos da parede um papel recortado, sôbre a telefonia um pano bordado e sôbre tudo o que é possível tapar do pó, um guarda-pó.

As mesmas, no dia em que há a fazer um trabalho em que esperam sujar-se mais, põem um avental mais sujo sôbre um avental menos sujo, que cobre um vestido menos limpo, para... no dia seguinte vestir então de lavado.

Mas não resistem, quem sabe, à tentação de comprar um chapéu excessivamente caro.

* * *

Também alguém há que põe todo o seu método e ordem ao serviço da economia, guardando tudo cuidadosamente etiquetado, e quem sabe se com um ficheiro próprio.

Um senhor, levado por êsse excesso, chegou a ter um embrulhinho com o seguinte rótulo: "Pontas de cordéis que não servem para nada".

E uma senhora da província, onde se usam mais freqüentemente os sacos, tinha-os numerados... Para quê? Talvez para quando se perdesse um saco, ela poder dizer: "Lá se perdeu o meu saco número 17 ou 18" — e... chorá-lo.

* * *

Agora, dentro do recriminável, há a senhora que abre cuidadosamente os envelopes das cartas comerciais, passa-os a ferro, volta-os, dobrando de maneira engenhosa a parte da goma, ficando prontos a servir outra vez. Corta as margens dos jornais diários para o seu marido fazer nelas as somas de parcelas dos seus largos proventos.

Ainda outra senhora muito respeitável, no tempo da iluminação a gás, distribuía pela família as caixas de fósforos numeradas, e só entregava nova caixa mediante a apresentação da caixa vazia.

Ela mesma, nêsses bons tempos da abundância, ia à dispensa tôdas as noites acompanhada da criada, esta levando uma bandeja de prata, cheia de pequenas tigelinhas, açucareiros, etc., e aí depositava ritualmente o chá, o café, o açúcar, a manteiga, para cada pessoa da família e cada criado da casa.

Aproveitamos o ensêjo para dizer quanto é feio êste processo de dividir mesmo agora com as restrições do racionamento.

Por exemplo, o açúcar que nos vem para casa, junto, doseado com a medida de 1 kg para cada pessoa, se fôr dividido por açucareiros individuais, é uma prova de falta de unidade na família. E' preciso que êsse açúcar chegue para todos. Então, que uns cedam aos outros segundo as suas necessidades, naturalmente, perdoando mesmo... a gulodice.

Falando às raparigas, em especial às estudantes que não têm ainda o pêso de governar grandes somas, diremos que o melhor esfôrço para *poupar* é tudo o que fizerem para *não estragar*.

Poupar sem exagêro, sem "poupança" mesquinha; não aproveitando as margens dos jornais, nem deixando folhas dos cadernos em branco.

Ter cuidado com os seus vestidos, desejando que êles se conservem bem e que... acabem depressa. E, acima de tudo, que à economia não assista o espírito de "aferrolhar".

Que não haja um mealheiro impossível de abrir quando chega um pobre, mas sim uma caixa corajosamente fechada às tentações de despesas inúteis.

Guida
RAPARIGA DE HOJE

GUIDA vive num sonho desde o dia do casamento de Alda. Como era de esperar do feitio de Alda e da mãe, o casamento foi de espavento e imensos os convidados. Rapazes e raparigas eram numerosos. Guida, Luz, Joaninha e Ana Maria foram convidadas. A «toilette» de Alda, cópia do vestido de casamento duma célebre estrêla de cinema, era verdadeiramente espectaculosa, mas tôdas, notaram o seu ar preocupado, e, radiante, o do noivo. É que nos últimos tempos do noivado, Alda compreendeu que talvez não fizesse tanto a sua vontade como pensara ao aceitar a proposta de casamento de Augusto Carvalho.

Mas apesar do aspecto novo rico dêsse casamento, Guida nunca esquecerá na sua vida êsse dia.

Muito graciosa no seu vestido verde «reseda» com uma gola em «petit-gris», Guida estava verdadeiramente encantadora e era grande a sua alegria. Luís, amigo de Chico, era um dos convidados e foi o seu par no cortejo. Tôda a gente concordava que aquela fresca rapariga e aquêle jóvem oficial de marinha, muito elegante na sua farda, faziam um lindo par. João Manuel, que oferecia o braço a Luz, muito gentil na sua «toilette» clara, exteriorizava o aspecto de quem estava encantado, e não faltou quem dissesse que não tardaria a haver mais casamentos.

A' hora do «copo de água», quando todos estavam entusiasmados com os discursos e os brindes, Guida e Luís, que tinham levado um prato de «sandwiches» para o vão duma janela, conversavam serenamente. A certa altura Luís disse:

— Guida, já pensou que feliz será êste dia para aquêles que verdadeiramente se amem e unam a sua vida «para o melhor e o pior», como dizem os inglêses?

Guida respondeu um pouco còrada:

— Certamente, se os dois se entenderem debaixo de todos os pontos de vista e encararem a vida a sério.

— Sabe, Guida, há muito que lhe quero dizer uma coisa, e não creia que o faço sem ter pensado muito, e até tomado conselho com minha mãe, a última vez que estive com ela. Gosto muito de si. Sinto que tenho por si um amor que faz com que um homem não hesite em ligar para sempre a sua vida a outra vida. Guida, diga-me, quer ser minha mulher?

Guida sentiu-se de tal maneira perturbada, que nem respondeu. E só passados momentos pôde dizer:

— Eu também tenho por si um forte sentimento, mas é tão grande a minha surprêsa que nem lhe posso responder.

— Não responda já, fale hoje com sua mãe e eu amanhã vou lá a casa saber a resposta.

Mal tinha acabado de falar, um grupo de meninas e rapazes rodearam-nos e começaram a dirigir-lhes remoques, a que Luís respondia com o maior sangue-frio e Guida atrapalhadamente.

No dia seguinte, quando Luís chegou à casa da Estrêla, Guida que tinha aberto a sua alma à mãe, pôde dar-lhe a resposta que êle desejava.

Luís pediu para falar a D. Elena e ficou combinado, que depois de consultado o sr. Albuquerque e Luís ter falado com os pais, Guida seria pedida na Páscoa, que a família Albuquerque ia passar à quinta do Minho e Luís a casa dos pais.

Como todos tinham já descoberto o sentimento que levava Luís a procurar sempre Guida e esta a sentir-se feliz a seu lado, não foi difícil o acôrdo.

E assim, fez-se o pedido nesse lindo Domingo de Páscoa em que a Natureza desabrochava em flores e a verdura cobria os campos num deslumbramento de renovação.

D. Maria Mascarenhas e o tio Jacinto, logo que a família chegou à quinta, foram informadas do que se passava e acolheram com satisfação a notícia.

D. Maria disse a Guida:

— Quando eu sair dêste mundo, lembra-te sempre que foi a tua avó que num combóio para o Estoril te apresentou àquêle que seria o teu marido.

— É verdade, avòzinha, e é mais um motivo para que eu possa esperar tôda a felicidade da minha escolha.

No Domingo de Páscoa tôda a família assistiu à missa e recebeu Nosso Senhor. Em seguida, foram para casa esperar a visita da Cruz. Já de véspera estava preparada na sala azul uma mesa com bolos, vinho e frutas, e, no meio o folar que seria entregue ao Senhor Prior.

A certa altura, Maria Adelaide veio correndo dizer que já vinha a Cruz a caminho de casa. Dirigiram-se para as janelas das salas e o espectáculo era de encantar. Um verdadeiro quadro de Malhôa.

Pelo caminho, que dum lado e do outro os plátanos com as suas fôlhas verdes tão tenras enfeitam, e que ao fundo é fechado pelo elegante cruzeiro e o mar no horizonte azul e deslumbrante, aproximava-se a Santa Cruz na visita pascal. O senhor Prior, apoiado na sua bengala de castão de prata, e, ao lado, o mordomo de capa vermelha e luvas brancas, uma toalha de renda a tiracolo, onde se apoiava a Cruz, um dos mais lindos crucifixos dos arredores. Irmãos de capa vermelha, tangendo um dêles a campaínha, que anunciava a passagem do Senhor, outro com a caldeirinha da água benta, outros com cêstas e sacos onde arrecadavam os folares, e atrás o povo acompanhando.

João Manuel disse para o tio Jacinto:

— Como são lindos estes costumes e como é para lamentar que se não mantenham em todo o Portugal. Que poesia cristã há em tudo isto.

Todos subiram as escadas do Solar e, atravessando a sala de entrada, dirigiram-se para a sala azul onde senhores e criadas os esperavam de joelhos.

O senhor Prior abençoou a casa e a família, e, pegando na Cruz, deu-a a beijar ao tio Jacinto, entregando-lha para que êle, como dono da casa a desse a beijar à família de que as criadas fazem parte. Em seguida, colocado o crucifixo sôbre o «cousole» doirado que o esperava com uma toalha de renda, o senhor Prior abraçou o tio Jacinto, o sr. Albuquerque e João Manuel, e cumprimentou as senhoras desejando as boas-festas, e todos os presentes vieram dar o seu apêrto de mão como é costume daquele boa gente. Os Sampainhos, o Manuel Formiga, os do Noão, salientando-se entre todos pela sua distinção o senhor Manuel da Lage.

O senhor Prior, dirigindo-se a Guida, disse-lhe:

— Já cá se sabe a novidade e dou-lhe os parabéns porque escolheu muito bem. É um bom moço, só não gosto muito do modo de vida, porque os maridos querem-se em casa ao pé da mulher.

Guida, sorrindo, disse:

— Oh senhor Prior olhe que os marinheiros são bons maridos.

— Está bem, vejam como já o sabe defender!

Comidos os bôlos e feitas as saúdes, a gente nova foi às janelas, que davam para o terreiro cheio de gente, e atiraram confeitos e rebuçados que enchiam três bandejas.

A rapaziada travava combates para os apanhar, com grande divertimento de Maria Adelaide e de João Manuel, que os lançavam para onde maior era o ajuntamento.

E quando a Cruz deixou o Solar, o senhor Albuquerque, o tio Jacinto, João Manuel, Guida e Maria Adelaide acompanharam até ao fim do caminho o Senhor que lhes honrara a casa com a sua visita.

Pelas três horas chegou o automóvel do Dr. Menezes com tôda a família, alegremente recebidos pela família do Solar. Contra o costume, depois dos cumprimentos, D. Maria, D. Elena, o sr. Albuquerque,

(Conclusão na pág. 13)

Roquemont — O folar

BERTHE BERNAGE,

ESCRITORA CATÓLICA

Poucas serão as raparigas de hoje, apreciadoras de leituras boas, que não conheçam os belos livros de Berthe Bernage: Brigitte jeune fille, Brigitte jeune femme, Brigitte maman *e os que se vão seguindo uns aos outros, através da vida de agora. São livros tão humanos, tão vividos, tão impregnados dos sentimentos de hoje, que na verdade, a sua leitura é cheia de interêsse: não só para as raparigas, mas para tôdas as mulheres.*

E perante a observação verdadeira que denotam êsses livros, a par do talento com que são escritos, enchi-me um dia de curiosidade... a respeito da personalidade da autora. Seria Berthe Bernage solteira? Casada? Viúva? Teria filhos? Que género de vida seria a de essa senhora, que tão profundamente parecia conhecer a alma feminina, os temperamentos infantis, as aspirações dos novos, a mentalidade dos pais, a religiosidade das freiras, as modernices de certas meninas, as exigências, os desespêros, as alegrias, da geração de hoje?

Peguei na pena... e escrevi à escritora, cujas obras tanto me encantaram.

E pouco depois recebia de Berthe Bernage a primeira carta, que não ficou sendo a única, felizmente. Encantadora carta esta da qual não resisto a transcrever algumas linhas: por me parecer que interessarão às leitoras do Boletim.

«Je ne suis pas mariée. J'appartieus à une famille universitaire. Mon père, que j'ai perdu «à seize ans, était un grand intellectuel chrétien. Six filles à la maison, pas de fils. Je suis la «dernière. Deux sont religieuses, une est morte, une autre s'est mariée, est veuve à présent. Nous «restons deux avec ma mère, bien âgée, menant une vie très unie. Ma sœur est pour moi Amie «autant que sœur. Et voila un récit bien simple... Brigitte n'existe pas, mais représente, sans doute, «ce que j'aurais aimé être. J'écris quelques livres et des articles divers; et... beaucoup de lettres à «d'inquiètes petites Brigittes qui me donnent une adorable confiance».

Tudo isto é simples, claro, são... E absolutamente coerente com a impressão que nos deixa a leitura das sucessivas «Brigitte»...

Como a admirável americana Louisa Alcott, do século dezenove, autora dêsses eternos livros que se chamam Little Women, Good Wives, *«cuja adaptação» para português (já velha de 20 anos) se deve a Maria Paula de Azevedo, esta francesa de hoje foi tirar à* Vida *o assunto das suas obras e é talvez por isso que essas obras interessam às almas ávidas de viver, de viver a vida verdadeira, sem os exageros de fantasiosos artifícios...*

Joana de Tavora Folque de Souto

Se ligamos a telefonia e alguém está a falar bem, sôbre um assunto elevado, assentamo-nos e escutamos: se outras pessoas estão no quarto, param de falar e ouvem. Tendo também notado, com interesse, quando passo em frente de lojas que vendem discos de gramafone e que freqüentemente tocam músicas bonitas como reclamo, que há sempre no passeio, paradas, três ou quatro pessoas humildes, atentas e às vezes francamente encantadas, a ouvir. Se um pintor deseja fixar na tela um monumento ou uma paisagem, também se vê logo rodeado de inumeros curiosos. Mas serão curiosos? Nem todos. Muitos são admiradores.

Os que ouvem o discurso ou a música, os que vêem o surgir de um quadro com atenção, com compreensão, já são em parte artistas. Artistas no sentido amplo da palavra; apreciadores instintivos do Belo. Quási todos nós nascemos com essa compreensão; mas ao passo que nas famílias mais cultas essa tendência é ajudada e desenvolvida, na maior parte dos lares só encontra incompreensão. Porquê? Porque a constante preocupação das coisas materiais mais importantes para a creação da Riquesa os absorve de tal maneira que julgam que não lhes resta tempo para mais nada. No entanto está demonstrado que «nem só do pão vive o homem». Um homem completo, digno de ter sido feito por Deus à sua Imagem e Semelhança, não se contenta só com essa parte da existência, quere não só gozar do Belo que presenceia, como creá-lo. Qual será aquêle de nós tão espiritualmente pobre que não tenha em si qualquer coisa de lindo que queira expressar e fazer gozar aos outros?

Que êsse sentimento encontre expressão através do aperfeiçoamento dos nossos trabalhos materiais mais simples, ou pelas chamadas Belas Artes, ou ainda pelo aperfeiçoamento da nossa vida espiritual, será sempre um elemento de elevação e gôzo, não só para os que nos rodeiam, como para nós próprios.

Porque não havemos de experimentar? «É preciso pensarmos que uma tentativa em parte falhada, vale mais do que a ausência de qualquer tentativa». E é verdade. Porque dizer logo que perfeições não são para nós e relegarmo-nos de uma vez para sempre à categoria de mediocres. Tentemos criar em matéria ou em nós próprios essa perfeição a que se chama Beleza. Se falharmos às primeiras tentativas, não teremos senão mais merecimento em recomeçar, e ao atingir o fim a que desejamos chegar será maior o nosso triunfo intimo, e em geral mais duradoura, porque cheia de experiência, a nossa vitória.

Conseguir fazer voar num papel duas borboletas dando-lhes com o lápis forma e com o pincel côr; encher de música a nossa casa, não de música mecânica, mas repassada do nosso sentimento, dispôr com arte as flores, servir um bôlo bem feito e contar uma história bonita, são parte da nossa herança de vida a que não devemos renunciar.

Conheci, quando era pequena, uma senhora solteira, de certa idade, que era fi-

Porque não hei-de criar beleza?

sicamente muito imperfeita. Não tinha feições agradáveis, nem boa figura, e estava muitas vezes doente. No entanto a sua casa era um centro que todos os seus amigos se orgulhavam de freqüentar.

Passarinhos multicolores cantavam à janela, flôres nas jarras, boa disposição nos móveis. Gente nova, de idade e crianças, eram igualmente bem acolhidos. Tocava bem piano e gostava também muito de ouvir música. Sabia desenhar apenas uns esquemas mas apreciava imenso a pintura. Colecionava autografos de pessoas célebres... e flores do campo (que secava num álbum). Tinha sempre factos interessantes a narrar, mas também ouvia com atenção os outros. Ajudava as crianças nas suas primeiras composições, dando-lhes o gôsto pela literatura e pela ciência. Via, (ou queria vêr) tudo e todos, bonitos e bons. Saindo pouco de casa, no entanto tôda a vida e todo o movimento a interessavam. Pensava em brincadeiras e surprezas, que fazia à familia e aos criados. Ajudava os pobres nas suas aflições, embora não fôsse muito afortunada. Sabia-se feia (o que é raro!) e por isso, em público procurava os logares poucos evidentes. Mas não fazia disso um desgôsto. Era como Nosso-Senhor a tinha feito.

Ao desaparecer deixou na memória de todos uma lembrança luminosa. Embora pouco favorecida pela Natureza a idéa que nos resta dela é de Beleza.

Êste exemplo não é talvez fácil de imitar já, para raparigas. Mas é agora que se prepara e se começa a viver uma existência harmoniosa. É agora que podemos começar a tentar compreender a música e a lêr as vidas dos seus compositores, que pegamos num livro de jardinagem para arranjar o nosso canteiro.

Podemo-nos aperfeiçoar em cozinha e aprender corte (para termos o vestido mais bem feito). Podemos também ir bordando (com bom gôsto...) para o nosso enxoval... e podemos pensar e filosofar enquanto o fazemos.

Pensar como será bom, se tivermos filhos, fazer nascer e florir nêles êsse sentimento da Beleza, que lhes dará tantas alegrias e os tornará tão dignos de serem «homens» Sim «homens» e não «homenzinhos», como dizia o meu Pai. Porque compreender o Belo é já aspirar a êle.

Alexis Carrel diz no seu célebre livro «L'homme cet Inconnu».

«Não temos, quási nunca, na sociedade moderna ocasião de observar indivíduos cuja conduta seja ditada por um ideal moral. Mas existem ainda. A Beleza moral deixa uma lembrança inesquecivel naquele que mesmo que uma só vez a tenha contemplado. Impressiona-nos mais que a beleza da natureza ou da ciência. Dá àquêle que a possui um poder estranho, inexplicável. Aumenta a fôrça da inteligência. Estabelece a paz entre os homens. Ela é muito mais do que a ciência ou a arte, a base da civilisação».

Mas se em vida não podermos atingir (embora tentemos) a perfeição em artes materiais ou no campo espiritual, lembremo-nos da divisa do nosso infeliz Rei D. Sebastião, que nos permite com razão pensar que se atinge, às vezes na morte, o ideal que não se conseguiu em vida:

«Un bel morire tuta la vita honora».

Francisca de Assis

(Conclusão da pág. 10)

o Dr. Menezes e D. Lucinda foram para a sala, e D. Lucinda com simplicidade disse:

— Os meus amigos já sabem o que nos traz hoje aqui. O Chico escolheu para sua mulher a Guidinha, e nós vimos pedir a sua mão.

D. Elena respondeu:

— Já o sabiamos, e como todos estimamos muito o Chico e todos V. Ex.as, é com a maior satisfação que lha concedemos.

O Dr. Menezes acrescentou:

— Como os meus amigos sabem o Chico só daqui a dois anos é promovido e poderá casar. Não sei se lhes desagrada êste noivado demorado.

O sr. Albuquerque respondeu:

— Não temos pressa de ver sair de casa a filha que é a nossa alegria, e acho bem que o noivado seja mais prolongado para melhor se conhecerem. A Elena e eu estivemos noivos quási dois anos e quando casámos fizemo-lo com a segurança que nos entenderiamos.

Chamados os interessados à sala, pela pressa com que vieram e o seu ar comovido, via-se que estavam à espera não muito longe...

Depois de abraços e felicitações vieram para fora onde o tio Jacinto e a gente nova lhes fizeram uma alegre manifestação.

Maria Adelaide correu a pendurar-se no pescoço de Guida:

—Guidinha, tu não deixes de ser muito minha amiga, lá porque te casas.

Guida, rindo, sossegou-a:

— Não sejas tontinha, sou muito tua amiga e o Chico também.

As criadas, que ao barulho da manifestação vieram ao terreiro, apresentaram os seus parabéns, e a Maria cozinheira, com as lágrimas nos olhos, dizia:

— Não, que uma coisa assim! Noivos mais lindos não nos há.

Tôdas se riram e enquanto as senhoras ficaram conversando sôbre assuntos do enxoval e os homens seguiram com o tio Jacinto ver uma obra que êste tinha feito na mata, a gente nova espalhou-se pelo jardim e o «tennis».

Guida e Chico foram andado e sentaram-se junto ao grande tanque do Monte que estava florido de hortenses.

Guida, sorrindo, disse a Chico:

—Sabes, foi aqui neste sítio que eu pensei pela primeira vez que tu terias um grande lugar na minha vida. Foi no dia da primeira comunhão da Maria Adelaide. Quando se foram embora, vim para aqui descansar, comecei a pensar no futuro e vi-te diante de mim.

—Fôste muito demorada em pensar em mim. Eu no primeiro dia que te vi no Estoril, em casa da Alda, no meio daquelas raparigas que fumavam e falavam como rapazes, pensei logo que tu serias uma encantadora companheira para a vida.

E conversando começaram a fazer projectos, numa dessas conversas que fazem a felicidade dos noivos, e quando os chamaram para voltar para casa, para o jantar, que reünia as duas familias que se tornariam numa só família, pareceu-lhes que apenas há momentos tinham começado a falar.

E assim, naquele lindo Domingo de Páscoa, que a Natureza tinha adornado com tôdas as suas galas, ficou noiva Guida e terminou a sua despreocupada vida de rapariga de hoje e começou a sua vida de mulher.

Uma noiva tem já preocupações e encargos.

A' noite, quando ela e a mãe se abraçaram, havia lágrimas nos olhos de ambas, lágrimas de felicidade e também de saüdade da vida de rapariga, que tinha sido tão feliz para a mãe e para a filha—e é sempre triste o fim de qualquer coisa na vida.

FIM

Maria d'Eça

PARA LER AO SERÃO

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

XIV

A alegria desaparecera da Casa do Pinheiro; e os próprios desgostos de Helena e de Pedro já diminuíam de intensidade perante êste último golpe que feria a pobre mãi: a partida de Joaquim para a África.

Que estranho proceder o seu! Tão novo ainda, sem recomendações, sem emprego, sem planos, o que iria ser do rapaz naquele meio desconhecido para êle? Ao fim duma semana, porém, chegára uma longa carta, expedida do caminho; e era tão cheia de vibrantes projectos e de pedidos de perdão que D. Maria da Luz perdoou-lhe logo. O que era urgente agora era recomendá-lo, tentar arranjar-lhe trabalho, visto qne o seu sônho era fazer vida pelo ultramar.

O primo Esteves, depois de grandes e furiosos desabafos, lembrára:

— É para lá que estão os Medeiros! Escreve-se ao Rodrigo, que tem uma esplêndida indústria no Uigi,(*) e que ainda é vosso parente, se bem que muito afastado.

— Os Medeiros! — exclamou D. Maria da Luz.

— O Rodrigo e a Cristina tinham uma filhinha nascida em África — disse Francisca.

— E, de facto, o pai da Cristina era um pouco nosso parente. Vou já escrever ao Rodrigo — tornou D. Maria da Luz, esperançada.

— Fui hoje à Tôrre visitar os pais Santos — disse Helena — e sabem que vim impressionada? A mãi está paralisada com a «gôta» e vive amarrada a uma cadeira, sempre a gemer. O pobre homem, com o desgosto da Suzette...

— E soube-se o que foi feito dessa desgraçada?

— Veiu um bilhete de Marrocos, dum cônsul qualquer, a dizer que está no hospital, doentíssima, e abandonada de todos! — respondeu Helena, comovida.

— Coitada da Suzette! — murmurou Francisca.

— E o pobre pai Santos — continuou Helena — fez-me a maior pena. É claro qne mandou logo um chéque ao tal cônsul para que não falte nada à filha; mas faz dó vêr o desgôsto dêle! Nem já está barrigudo, coitado, e a cara é um monte de peles. Quem vale ali é a Luiza, sempre activa e bem disposta, a atender a mãi, a consolar o pai, a dirigir tudo em casa...

A criadita, assomando à porta da sala, perguntou:

— Vêm a chegar as meninas do senhor D. Francisco da Cunha; trago o chá para aqui, minha senhora?

— Traz o chá, Amélia.

— Eu bem sei o que a Margarida nos vem dizer — disse Francisca.

— O que é?... — preguntou a mãe, admirada.

— Entrem, entrem! — gritou Helena, abraçando as três irmãs.

Começou uma longa conversa entre tôdas; pois as Cunhas tinham estado um mês em Leiria e em Fátima, e havia muito que contar. Mas, depois de tomarem chá, acompanhado dum pão de centeio feito em deliciosas torradas, Margarida começou:

— A Chica já sabe o que eu venho dizer; mas julgo que a senhora D. Maria da Luz ainda não sabe nada a meu respeito, pois não?

D. Maria da Luz olhou a encantadora rapariga com interêsse.

Aí estava uma boa noiva para o seu Pedro, tão galante e tão sã de espírito e de corpo!

— Vais casar, Guida? — preguntou-lhe.

— Vou, minha senhora; e que noivo eu escolhi! — respondeu Margarida, a rir — Vou entrar para as «Clarissas Franciscanas» — declarou, contente. Foi um espanto geral! A Guida, tão alegre, tão brincalhona, tão cheia de vida e que todos julgavam um pouco apaixonada pelo sisudo Pedro...

— Quando sentiste tu despertar em ti a vocação? — preguntou D. Maria da Luz.

— Explica lá, Guida — disse Helena, pensativa.

Margarida respondeu com simplicidade:

— Eu sempre fui profundamente religiosa; não tanto pelas muitas e constantes rezas, sabes, Lena? mas pelo profundo, intenso, imenso, amôr a Jesus... — e Margarida, grave, parou um momento — Mas — continuou — quando li a vida de Santa Clara, a descrição da alegria com que ela deixou tudo para ir viver na pobreza absoluta, senti quanto o amor de Deus, sendo assim verdadeiro, podia substituir tudo mais no mundo! E pareceu-me que, para a minha alma, também o amor de Jesus viria substituir tudo mais...

Margarida calou-se; e todos ficaram pensativos um momento. Depois, D. Maria da Luz disse:

— Essa tua vocação deve ser a verdadeira, Guida; Deus te dê a felicidade.

— Não lhes disse ainda uma coisa que nos interessa especialmente — tornou D. Maria da Luz — talvez tu, Chica, não te admires, pois vives sempre muito com o nosso Albertito.

Francisca sorriu e respondeu:

— Sei tudo, Mãe; e não me parece tolice. Helena levantou a cabeça, admirada:

(*) — Vide Ana vem a Portugal (Bertrand).

CHÁ DA COSTURA

— Oh Clara — exclamou Joana indignada, depois d'ouvir lêr os novos *estatutos* do Vestiário — eu protesto energicamente contra essa nova ordem! — Clara riu e disse:

— Protestas porquê, Joana? Não vejo razão para isso.

— Os nossos chás da costura eram divertidos, alegres, úteis — tornou Joana — e eu adorava-os. Mas assim como vocês querem...

— Que tem? — cortou Alice — perdem um pouco em frivolidade...

— E em gulodice — meteu Maria José.

— E ganham em multiplas coisas — concluiu Clara, a sério — Vou lêr outra vez tudo, para decidirmos o que se faz.

E Clara começou a lêr as modificações várias que ela e Maria José (as duas mais velhas do rancho) queriam introduzir nos *Chás da Costura*.

— E' proibido haver mais de *duas* qualidades de comestiveis.

— Adeus bôlos variados e óptimos! — gemeu Joana.

— E' proibido faltar às reuniões sob pena de uma multa de 500 rs.

— Há-de-se abandonar um Mahjong, um cinema, uma dança para vir coser? — protestou Joana — Clara continuou, imperturbável:

— E' proibido falar em assuntos alheios à obra!

— Isto agora é demais — gritou Joana, e a ela se juntaram mais cinco ou seis das «costureiras»,

— Não, Clara, essa cláusula é horrivel!

— Inaceitável!

— Inadmissivel!

— Impossivel! — e a barulheira tornava-se assustadora.

Clara tapou os ouvidos com as duas mãos; e quando se calaram, finalmente, tornou:

— Bem! já vejo que não aceitam a última cláusula, minhas tagarelas! Podem falar de tudo quanto há, está concedido: mas com uma condição, oiçam bem! — Tôdas tiveram exclamações várias:

— O que é? O que serão? Capaz de ser ainda peor!

— É que será banida severamente das nossas reuniões uma personagem detestável... — continuou Clara — uma personagem indesejável!

— Querem vêr que sou eu, a «ovelha ranhosa»? — suspirou Joana, vexada.

— Essa personagem (e falo no *feminino* porque é bem feminina...) é, simplesmente a... *má lingua!*

Uma salva de palmas rompeu, alegre. E Joana gritou, entusiasmada:

— Viva Clara, a sensata!

— O que acontece ao Bè?? — perguntou.

— Quer ir para o Seminário. — informou a mãi — O seu sonho é ser padre!

Alberto chegava nêsse momento da escola da aldeia; e, ouvindo a frase da mãi, exclamou, contente:

— Já quando vocês todos discutiam o futuro de cada um de nós, lembram-se? eu dizia: não quero ser médico, nem advogado, nem engenheiro, nem militar...

— E os manos até gritavam, troçando: «você é um mandrião, não quer ser nada» — disse Helena a rir.

— Queria, sim senhor; quiz sempre, quero e hei-de... ser padre — concluiu Alberto que, cheio de saúde e boa disposição, se tinha desenvolvido imenso nos últimos tempos.

— Nunca o julguei, Bè — disse Margarida, risonha — Mas é certo que tanto eu, sendo freira, como tu, sendo padre, poderemos servir a Pátria tão bem como os outros todos!

XV

Quando chegaram à Casa do Pinheiro as primeiras notícias de África, depois de meses na mais louca ansiedade, ninguém ali duvidou que Joaquim fôra protegido pela Providência e encaminhado pela mão de Deus para a Missão.

Entre lágrimas de enternecimento e gratidão, D. Maria da Luz juntou-se com as filhas na Capela do Colégio e fervorosamente agradeceram ao Céu a salvação do querido Joaquim. Agora já não inspirava cuidados o futuro do rapazito, entregue ao excelente Rodrigo de Medeiros; e, no lar daquele casal encantador e simpático, Joaquim foi vivendo uma vida interessante e activa. Cristina tinha para êle carinhos maternais; e no coração do rapaz ia progredindo, também, o amor pela gentil Maria, cujo temperamento era vivo e alegríssimo.

Já outro verão passára e outro inverno a seguir. Na Casa da Tôrre só o pai Santos e Luiza viviam agora; dedicados, quási exclusivamente, à pobreza de muitas léguas em redor.

D. América sucumbira a uma apoplexia, quando lhe chegára a notícia da morte de Suzette, no hospital de Tanger; nunca mais falára, e uma manhã... não chegára a acordar.

O filho Jerónimo, ao saber da aventura vergonhosa da irmã, deixára, acto contínuo, o seu negócio; e no primeiro vapor embarcára para Portugal. Triste chegada a dêle à Casa da Tôrre, onde a mãi ainda o recebeu na sua cadeira de rodas, sem sequer poder estender-lhe os braços!

— Lizette, acho-te mudada e encantadora! — exclamou Jerónimo na manhã seguinte, surpreendendo a irmã no meio dumas dezenas de pintainhos, tirados por ela da chocadeira, que comiam painço dos dois lados dos comedouros como cavalinhos à mengedoura.

Lizette sorriu e respondeu: — Olha para êstes amores! Dou-me tão bem no campo! Nunca os dias nos chegam, Jerónimo, para o que todas nós temos que fazer.

— Tôdas vós? — preguntou o irmão, admirado.

— A Lena, a Chica, a Luz...

E nessa tarde ainda Jerónimo travára conhecimento com as raparigas tôdas. Mas, para acudir à irmã desgraçada, resolvera não se demorar na Tôrre, seguindo para Lisboa a vêr se o primeiro avião o levava de Alverca, em poucas horas, a Tanger.

Jerónimo era um bonito tipo de rapaz do povo; farto cabêlo preto ondeado, tez morena, altura regular. Honesto nos seus negócios, estava a caminho da fortuna; mas não tinha ambições de grandeza e costumava concretizar os seus sonhos de felicidade numa casita caiada, com uma parreira à volta, uma horta ao fundo, uma mulher simples e boa...

— Isso era bom para os tempos antigos — dizia-lhe o pai, anos antes — hoje não basta, rapaz. Não há vida boa sem luxos e telefonias, automóveis e palácios...

Jerónino abanava a cabeça negativamente e nêsses tempos ninguém, em casa, concordava com êle. Mas agora achava o pai bem mudado; e, com espanto, ouviu-o declarar, contente:

— O dinheiro só é bom para fazer bem aos outros. Já vestimos mais de quinhentas crianças desde que aqui estamos e olha que não há por aqui velhos com fome, nem crianças sem alegria, nem doentes sem tratamento, nem rapazes sem escola!

— E tudo isso foi o pai?!... — preguntou Jerónimo.

O Senhor Santos, respondeu:

— Olha, rapaz, não sei como isto foi. As coisas foram-se enganchando umas nas outras, o Prior para um lado, as meninos do Pinheiro para outro...

— O bom coração do Pai para outro... — interveiu Luisa, comovida.

— E acima de tudo, sabes tu, rapaz? Deus, Nosso Senhor!... — concluiu o antigo banqueiro, pensativo.

Jerónimo Souza partira para Tanger de avião, de onde dias depois dava notícias da irmã, moribunda num hospital.

Mas, para a salvação daquela alma, Jerónimo não fôra a tempo; o seu coração endurecido, a-pesar-dos concelhos das religiosas que tratavam dela com carinho, não logrou comover-se.

— Só me interessa saber do meu Boris! — repetia Suzette.

— Coitadinha! queres que te traga um padre para desabafares e aliviares o coração? — preguntava-lhe o irmão todos os dias.

— Não! — gritava a desgraçada, com violência.

O veneno que o russo infiltrára na sua alma era forte demais para poder agora vencer-se... Os filmes dissolventes, que tanto a apaixonavam, mostravam-lhe a felicidade de viver sob o falso prisma do artifício...

Morreu, enfim; e Jerónimo, profundamente impressionado, não tanto pela morte como pelo baixo materialismo da irmã, não voltou a Portugal: dali mesmo partiu para a África Ocidental, escrevendo ao pai uma longa e triste carta em que lamentava a falsa educação que tão profundamente estragára aquela alma!

....

Helena cosia no jardim de buxos; e ao lado dela estava a risônha Maria da Luz escrevendo música.

— Uma carta para a menina Helena — disse Amélia, trazendo um grande sobrescrito numa bandeja.

Helena, nervosa sem saber porquê, abriu a carta lentamente e começou pelo fim; quis vêr a assinatura.

— Do Nuno, e vem de Macau!

Maria da Luz, com um vago sorriso, nada disse. Helena tornou:

— Que me quererá o Nú? Sabes o que será, Luz?

Mas Maria da Luz, cantarolando baixinho, ia escrevendo as notas ràpidamente; e limitou-se a abanar negativamente a cabeça, como se a inspiração musical a não deixasse falar.

Helena concentrou-se na leitura da grande carta. Quando acabou, Maria da Luz já ali não estava para vêr os seus olhos húmidos... Helena foi devagar para casa e ajoelhando-se ao pé da mãi, que da janela da sala observara a cena, disse, comovida:

— O Mãi, não sei o que hei-de fazer... O Nú quer casar comigo e diz que eu também gósto dêle apesar de tudo!...

D. Maria da Luz sorriu:

— Bem convencida disso estou eu há muito tempo, Lena.

— Então o Boris? Se a Mãe soubesse como eu ficava impressionada quando êle...

A mãe interrompeu-a, docemente:

— Lena, essa impressão doentia e detestável não era amor, podes crêr. O amor verdadeiro, o amor cristão, puro, simples não é o que tu sentias; é sempre baseado numa sólida amizade, como a do Nuno e tua, numa clara compreenção das almas, numa absoluta comunhão dos espíritos... Ésse era o amor que encheu a nossa vida, do teu pai e minha. É o amor único, que nos prende, completa e absolutamente, para a vida inteira...

D. Maria da Luz calou-se: e, abraçadas as duas, ali ficaram, em silêncio, até que o sol se escondeu de todo por trás do pinhal, ao fundo do horizonte.

Quando Francisca e os dois irmãos entraram, admirados de vêr tudo escuro na sala, Helena, acordando daquela espécie de entorpecimento, levantou-se, e, com um sorriso feliz, exclamou:

— Abracem-me todos três: vou casar com o Nú!

E foi uma alegria sincera na casa do Pinheiro.

(Conclui no próximo número).

CARTA às RAPARIGAS

Escreve-me uma rapariga de 17 anos, uma cartinha simpática, inteligente, dizendo-me que, ao contrário do que eu tenho escrito em algumas obras que ela leu, acha que não é essencial ser cristã para mostrar sentimentos e actos de delicadeza: basta para isso ser bem educada. É evidente que a minha correspondente tem, relativamente, razão no que diz, mas não em absoluto, queridas raparigas. O espírito cristão impõe obrigações, e quantas pessoas há que se dizem religiosas e nem compreendem o alto significado dêsse espírito cristão? São capazes de falar com rudeza injustificada às crianças a quem ensinam a catequese; esperam a vez de chegar ao confessionário... e tentam suplantar quem chegou antes delas; seguem devotamente (?) a missa... e tiram o lugar a quem se distraiu, etc. Ora se todos êstes factos são desleais e de falta de atenção, é preciso não esquecer que o título de mulher cristã é um título de nobreza: e tem, quem o usa, maior responsabilidade. Terá de proceder, em tudo, com mais lealdade, mais delicadeza, mais doçura... E muito teria ainda a dizer sôbre o assunto.

Colaboração das Filiadas

Em Portugal, desde os primeiros tempos da nossa nacionalidade, já lá vão 800 anos, a espada e a cruz marcharam sempre lado a lado para a conquista de novos povos e novas terras de infiéis.

É preciso que hoje, como ontem, nós, portugueses, procuremos cumprir esta tradição tão nossa. Que ao princípio e ao fim do dia, pelo menos, quando nos preparamos para o trabalho ou voltamos dêle, quando os sinos das nossas aldeias tocarem festivamente, nos recolhamos e num minuto de oração agradeçamos a Deus mais aquele dia de trabalho. É para nós que vai grande parte dêste dever. Temos obrigação de educar os nossos filhos nestes princípios, princípios que talvez nossos pais não nos tivessem ensinado.

Mas se temos que amar a Deus sôbre tôdas as coisas, temos também o dever de amar a terra onde nascemos. Aquele torrão sagrado em que todos têm os nossos costumes, as nossas leis e falam a mesma língua. Êsse torrão que tem sido português através de oito séculos de movimentada e heróica história.

Mas poderão preguntar-me: como podem as raparigas servir a Pátria tão amada? Muito simplesmente: a missão da mulher foi, é, e há-de ser sempre na família. Nós servimos a Pátria no lar, educando os nossos filhos, encorajando os nossos maridos, enfim fazendo da família aquilo que ela deve ser.

Pátria e Família andam sempre estreitamente ligadas. Quando a família se desagrega, quando não existe uma família verdadeiramente, os alicerces da Pátria tremem e muitas vezes o edifício não se aguenta. Mas enquanto os deveres de mulher não nos chamam, temos também uma missão muito importante. Na nossa família, na casa de nossos pais, podemos, ou melhor, devemos ajudar a tornar a família uma congregação feliz. Temos irmãos que por vezes não cumprem os seus deveres, temos irmãs que muitas vezes não se lembram que são mulheres, aí, nós, pertencentes à M. P. F., podemos ajudar a santificar a família tornando-a cada vez mais portuguesa. Como vêem, caras camaradas, quando queremos aparecem-nos sempre ocasiões de servir a Pátria, não sendo mesmo com armas na mão. Grandes exemplos nos têm dado as mulheres portuguesas através de tôda a história, e para mais me não alongar, cito D. Filipa de Vilhena, quando na hora decisiva da Independência armou seus filhos cavaleiros, mandando-os para a morte ou para a glória. É preciso que façamos o mesmo. Que não nos deixemos influenciar por uma amizade e ternura desmedidas, e que deixemos os nossos filhos ou os nossos maridos cumprir os seus deveres sagrados de cidadãos, quando a Pátria o exigir. Quando êles partirem, não choremos; guardemos essas lágrimas para a intimidade do nosso lar. Ali, na hora da despedida, cantemos com êles a nossa Pátria imortal, e juremos, perante o altar de Deus, cumprir o nosso dever de portuguesas.

Mas, talvez, ainda ninguém vos tivesse falado dum assunto, talvez um assunto interessante: a rapariga, pode também e deve com os seus conselhos, o seu exemplo, convencer aquele que um dia será o seu companheiro, o seu noivo.

Disse um escritor francês, que em Portugal estava a surgir um novo tipo de jóvem. Pois é necessário que ao lado dêsse rapaz, desempenado e desempoeirado surja uma rapariga também nova, que tenha uma formação diferente de tôdas as outras que até aqui tem sido dada. E, assim, lado a lado, olhos postos num Portugal cada vez maior e eterno, calcando debaixo dos pés tudo o que pretenda desfazer esta afirmação, principalmente nesta hora em que fôrças enormes se entrechocam procurando impôr os seus ideais, nós portuguesas e êles portugueses, procuremos elevar cada vez mais o nome desta pátria em que os cobardes não têm lugar. E enquanto os nossos soldados, companheiros da nossa juventude, jóvens como nós, velam nos lugares sagrados da pátria, nós raparigas, conscias do dever que nos é imposto, procuremos pedir a Deus a continuação da paz desta Pátria, desta família tão grande, tão numerosa, que se estende dum ao outro lado do mundo. M. P. F.! alerta!

Procuremos remir as faltas de nossos pais, as faltas daquelas raparigas que não nos acompanham e que se entregam ao mal, enfim que se esquecem da sua missão de mulheres.

POR PORTUGAL, AMANDO A DEUS SÔBRE TÔDAS AS COISAS, FORMEMOS UMA FAMÍLIA SANTA E HONRADA.

M. Bizarro

Filiada da M. P. F.

"O que aquelas pedras me disseram..."

«...Como vês, estamos bem sós sem os nossos queridos monges. Eles davam vida a êste pequeno claustro e nós sentiamo-nos enlevadas pelas suas preces fervorosas e sempre amigas dos homens. Por vezes adormeciamos ao som dos seus místicos cânticos, lançando um último e saüdoso olhar a êste pequeno rio Côa que tu vês sussurrando a nossos pés. Daqui, muitos monges de alma poética admiravam o astro-rei caminhando para nós do lado de Espanha. As nossas portas góticas milhares de vezes se abriram para acolherem gentes espanholas e lusitanas, irmanando-as na mesma fé cristã. Ante as nossas janelas, agora já fechadas, passaram os pendões de «cinco quinas» a caminho da História, levados por nobres e gentis fidalgos, muitos ainda jóvens. Em 1640, nessa data gloriosa assistimos à galharda revolta dos mancebos de Almeida e Figueira de Castelo Rodrigo. Com que ardor ouvimos as preces fervorosas dos nossos monges nêsses dias da libertação! Mas depois, (embora muito depois!) nós tornámo-nos morenas de tanto Sol assestado nêstes longos anos. Das janelas vimos passar pelo Côa, pais e filhos, avós e netos, gerações a par de gerações. E recordamos com saudade o sossêgo em que os países viveram. Mas a guerra veio e a paz não passou de letra morta como tantas outras. Ali, à direita do claustro a nossa capelinha recebeu duas balas vindas de Espanha que nessa altura se debatia com a mais horrível das suas guerras.

A guerra agora anda longe e nós aconchegamo-nos a êste cantinho abençoado perdoando o desmazêlo em que nos encontramos e o desprêzo a que fomos votadas até sermos vendidas como se não passassemos duma «casa de habitação!»

...E logo se recolheram nas suas saudosas recordações, revivendo os tempos áureos do seu esplendor.

E' que tudo que seja idoso gosta de se embrenhar na recordação dos tempos passados, bons ou maus, mas sempre queridos.

Eulália Grigo

N.º 3921 — Centro 6 Ala 1 — Douro Litoral

DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA

Para nós, raparigas, estas três palavras encerram em si um complexo de ideias e obrigações que devemos estudar e cumprir. Digo estudar e cumprir porque elas têm em si, cada uma, uma série de obras, de ensinamentos, de preceitos que não devemos esquecer e não podem ser adquiridos com grande facilidade.

Alguma coisa, um poder extremamente sobrenatural nos criou «à sua imagem e semelhança», e criou tudo o que à nossa volta vive: os animais que nos fornecem a carne e a lã, a terra que se abre em dádivas generosas, o sol que ilumina e aquece os nossos lares, a chuva que rega as nossas searas, o mar que nos fornece alimento, enfim tudo que dispomos hoje foi criado por um Deus todo poderoso, que foi pródigo em dádivas generosas aos seus filhos. Não podemos de maneira nenhuma agradecer-lhe todos êstes bens que ele se dignou conceder-nos. Porém, com uma conduta exemplar, com uma conduta verdadeiramente cristã na vida podemos mostrar-lhe que não somos de todo indignos da sua generosidade.

PORTUGAL AOS PÉS DE MARIA

Mãi querida, Tu não sabes,
O que nós queremos, Senhora?
Queremos que Tu nos salves
Pois és nossa Protectora.

Recorda que és nossa Mãi,
Rainha de Portugal
Guarda-nos durante a vida
Livra-nos sempre do mal.

Nós prometemos amar-te
Sempre, sempre, ó Maria,
E hoje vimos lembrar-te
Que és a estrêla que nos guia.

Agora mais do que nunca,
Já que o mundo é chama em guerra,
Vela por nós Virgem Pura,
Roga pela nossa terra.

Maria de Lourdes Varandas Moita

Filiada do Centro 2 no Colégio N.ª S.ª de Lourdes na Guarda